



POR OUTRA RELAÇÃO CONSIGO MESMO: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS E INTERMITENTES SOBRE O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE NOS DITOS E ESCRITOS DE MICHEL FOUCAULT

Millene Rhayenne Teixeira da Silva (1); Diogo Emmanuel Lucena dos Santos (1); Romildo Fellipe do Nascimento Silva (2).

(Faculdade de Ciências Humanas ESUDA, millene.rhayenne@gmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, emmanuel_lucena@hotmail.com; Centro Universitário Maurício de Nassau, fellipepsicologo@live.com)

RESUMO: A sexualidade, por ser tema causador de muita polêmica e se apresentar de forma controversa em diversos discursos, ainda é vista como tabu e carrega consigo muito preconceito, gerando dúvidas e curiosidades ao seu respeito. O presente trabalho busca compreender a resistência ao dispositivo da sexualidade a partir de textos de Michel Foucault presentes na *Coleção Ditos e Escritos*. Como metodologia, tomaremos a pesquisa de revisão literária e caráter exploratório sobre o tema, através de uma análise em livros específicos, facilitando a compreensão deste estudo. Apresentaremos uma reflexão introdutória acerca da literatura sobre o tema do dispositivo da sexualidade na perspectiva Foucaultiana. Sendo assim, o dispositivo da sexualidade, funciona através das relações de poder, como uma estratégia de produzir cada vez mais e de modo universal o comportamento e as manifestações do sexo.

Palavras Chave: Dispositivo da Sexualidade; Relações de Poder; Resistência; Modos de Existir.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um assunto complexo e que há muito tempo provoca controvérsias, polêmicas, curiosidades e dúvidas, etc. Tendo em vista essas controversas e sua complexidade, é possível perceber que este tema ainda é visto como um tabu para muitos e carregado de preconceitos. Portanto essa pesquisa proporcionará reflexões sobre o tema, ampliando nosso conhecimento e construindo novas possibilidades de problematiza-lo.

Mesmo que esse tema seja demasiadamente extenso e ter sido objeto de estudo para Filosofia, Antropologia, Religião, inclusive a Psicanálise, o foco desta pesquisa

não será nenhum desses, mas de trazer uma revisão acerca da literatura sobre a resistência ao dispositivo da sexualidade, não querendo esgotá-la, mas no sentido de suscitar o interesse a partir de uma reflexão introdutória na perspectiva Foucaultiana.

Para Louro (2000), a sexualidade apenas não profere como algo reservado ou íntimo, pois ela é uma construção que vai se organizando através das experiências e relações sociais ao longo de nossas vidas, isto é, não nascemos, biológica nem culturalmente, destinados a esta ou aquela forma de viver a sexualidade, nossos prazeres ou amores.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Aprendemos quase sempre de modo arbitrário, por meio de mecanismos socioculturais como escola, igreja, mídia, política, movimentos sociais etc., o que podemos e não podemos quando o assunto é sexualidade, essas questões nos faz refletir o quanto esse tema pode ser problematizado de formas antagônicas, tendo em vista nossa geração, nossa cultura, nossos valores.

Segundo Rios (2011) a sociedade idealiza (culturalmente, valoramente, religiosamente) que o homem “ajustado” é aquele que possua um pênis, sinta-se masculino e se comporte conforme algumas expectativas (embora nem sempre cumpram todas elas) deseje uma mulher portadora de uma vagina e utilize-se de práticas sexuais com ela. Percebemos assim a heterossexualidade implícita, compulsória, concebida como o natural, conseqüentemente a invisibilidade das mais diversas formas de expressar a sexualidade e o desejo, Nesta ótica, observamos o quanto à sociedade busca ajustar o comportamento dos sujeitos aos seus parâmetros para que sejam reconhecidos como seres humanos que possuem uma subjetividade. São induzidos, forçados a se comportarem segundo esses ideais, até mesmo os que buscam o não enquadramento são conduzidos à heteronormatividade.

Embora a sexualidade seja um objeto multifacetado, complexo quanto a sua

existência ou mesmo organização, existe aqueles conhecimentos que estão sobrepostos a outros. A sexualidade, desta maneira, como afirma Louro (apud FOUCAULT, 2000) vai se construir a partir de diversos discursos, onde esses vão regular, normatizar, produzir verdades, isto é, a sociedade produz tudo e afasta aquilo que foge ou não se enquadra no “normal” a partir de diferentes e fragmentados mecanismos de controle social.

Todavia, este trabalho diz respeito ao pensamento de Foucault (2004), para o qual a sexualidade é antes de tudo uma escolha experiencial que podemos fazer com nossos corpos. Noutros termos, ela pode ser uma escolha livre, um forma que adotamos para construir uma vida e assim podermos usufruí-la de forma mais criativa. O sexo é uma oportunidade de apreciar novas possibilidades.

METODOLOGIA

Na intenção de compreender a finalidade deste presente trabalho, usaremos como meio de estudo a pesquisa de revisão bibliográfica de caráter exploratório para melhor problematização do tema do dispositivo da sexualidade numa perspectiva foucaultiana.

As pesquisas exploratórias oferecem ao leitor maior intimidade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (GIL,

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



2010). Para isso utilizou-se materiais para fontes de pesquisas como livros e um levantamento textual a partir da *Coleção Ditos e Escritos*.

RESULTADO E DISCUSSÃO

1. História da Sexualidade: hipótese repressiva

Durante séculos a sociedade acreditou que era preciso esconder coisas do sexo porque eram consideradas vergonhosas e secretas, pois através do sexo podia se descobrir verdades sobre o sujeito, acreditavam que nele existia algo de misterioso e secreto e que era preciso ocultar, negar. (FOUCAULT, 1982).

A ideia de tratar o sexo como segredo acompanhou por muito tempo a sociedade. Pouco se era falado e permitido, as pessoas tinham medo, vergonha em falar abertamente deste assunto e expor suas intimidades, por isso calavam-se, travavam-no como segredo.

Destaca o autor que paralelamente a sociedade vive presa em uma imensa e insaciável curiosidade a falar e ouvir, questionar, interrogar o sexo. (FOUCAULT, 2007). Neste sentido, podemos identificar claramente até mesmo em nossa cultura. O sexo é consultado para responder nossa forma de ser numa sociedade, uma vez que ele é colocado em uma posição de soberania e ocupa grande espaço em nosso cotidiano.

O sexo e seus efeitos talvez não sejam simples de interpretar, porém sua repressão foi facilmente observada, sendo ele reprimido, isto é, fadado à proibição, simplesmente falar dele e de sua repressão possuía um ar de violação deliberada. (FOUCAULT, 2007).

Mesmo o sexo sendo assunto complexo, o autor afirma que sua repressão foi naturalmente percebida e isso provocou certo temor, ao falar sobre sexo, as pessoas se remetiam a um ato de transgressão, por isso por tanto tempo foi tratado como segredo.

Para o autor a ideia de sexo reprimido não era apenas um objeto teórico. Numa época de hipocrisia burguesa, falar da sexualidade seria como seguir um discurso fingendo a falar a verdade sobre sexo e retroceder a lei que o rege, isto é, dizer que entre o sexo e o poder não existe repressão seria contrariar, ir de frente a todos “interesses” discursivos que o sustentam. (FOUCAULT, 2007). Foucault pretendeu dizer que por trás de uma ideia repressiva existe toda uma lógica de interesses, que vão sustentar e dar veemência a quem se coloca a falar sobre o sexo.

Conforme afirmou Johanna Oksala (apud FOUCAULT, 2011) o que caracterizou o comportamento da sociedade hoje em relação ao sexo, não foi apenas a repressão, mas o fato da sexualidade ter se tornado objeto de discurso. A sexualidade estava



atrelada à verdade e esses discursos atestavam a verdade sobre nós mesmos através de nossa sexualidade. Assim ela tornou-se um construto na determinação não só do valor moral do sujeito, mas também de sua saúde, de seu desejo e de sua identidade. Assim, esses sujeitos são forçados a declarar a verdade sobre si, admitir, confessar detalhes de sua sexualidade, caracterizado pelo dispositivo da confissão.

Percebemos que esses discursos se estabelecem como uma verdade, e atuam como verdade na vida de desses sujeitos, logo esses sujeitos tornam-se a mercê desses discursos que lhe obrigam a confessar intimidades sobre sua sexualidade.

Segundo Foucault (1979), este tipo de discurso é, na verdade, uma extraordinária ferramenta de controle, onde se busca que os sujeitos revelem e confessem sua sexualidade, assim utilizam-se disso para dizer o que as pessoas sentem, dizem, acreditam. Esses discursos vão, afinal, criar suas verdades para manipularem os comportamentos dos sujeitos na sociedade. Através desses discursos que, na intenção de criarem essas “verdades”, possivelmente podem conduzir toda vida social desse sujeito.

Foucault (2007) destacou um ponto importante. Não seria bem determinar se essas produções discursivas e esses efeitos de poder levam a formular a verdade do sexo, ou

arbitrariamente mentiras destinadas a ocultá-lo, mas revelar a vontade do saber que lhe serve ao mesmo tempo de suporte e instrumento.

Em outras palavras, o autor pretende suscitar que a vontade do saber seria peça fundamental para essa toda relação entre a repressão e a incitação do sexo, o desejo pela verdade e ao que induzira a ser ocultado.

1.1. Relações de Poder

Vivemos num sistema em que a grande maioria da população caminha no compasso da verdade, ou seja, produz e faz girar discursos que funcionam de forma confiável. (FOUCAULT, 1979). Notamos que ainda hoje há uma valorização, respeito e temor da sociedade daquele que esteja em posse “do poder”, isto é, multiplicam discursos em que estes “donos do poder” pronunciam, confiam inteiramente nesses discursos e fazem disso uma verdade para sua vida.

Segundo Foucault (2007), o poder antes de tudo era aquilo que ditava à lei no que se referia ao sexo, simplificado por esta lei que diz o que é permitido e proibido. Logo se entende que o sexo corresponderia e seria determinado a um princípio e/ou discurso que é posto pelo poder.

Em suma, se o poder é a lei e consideramos que os sujeitos são regidos por



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ele em toda sua subjetividade, ora, o sexo também é um efeito desse discurso, logo nos tornamos sujeitos pra sociedade a partir do nosso sexo. Isto é, somos considerados um sujeito do sexo, vivemos nessa rede de ser sempre um sujeito assujeitado. (FOUCAULT, 2007).

De fato, somos todos conduzidos em uma sociedade pelas leis, neste sentido, a lei diz que o sujeito deve manifestar uma identidade sexual de acordo com sua condição biológica, dessa forma, nos tornamos um sujeito advindo, fadado ao nosso sexo.

O discurso apresentado a respeito da sexualidade fazia deste modo, uma dedicada defesa de libertação sexual. Gerou-se assim, uma ideia de que era preciso libertar a verdadeira sexualidade dos poderes repressivos. Curiosamente a ideia de libertar a sexualidade estaria relacionada ao poder como opressor, logo, a sexualidade deveria ser liberta desses poderes. (FOUCAULT, 2011). Dessa forma, o poder que tinha uma função de oprimir e governar uma sociedade provocou um desejo de libertar a sexualidade desde poderes repressivos.

Entretanto, Foucault (2011) teve de contrapor a relação entre sexualidade e poder repressivo e reconhecer a natureza do poder afirmando que o poder não era verdadeiramente repressivo, mas produtivo, ou seja, através de práticas normativas

culturais e discursos científicos produziam as maneiras de como concebíamos a sexualidade, por outro lado, essas práticas normativas que se manifestam através de forças políticas, midiáticas, religiosas, científicas etc. Por sua vez vão promover formas de como se estabelece uma identidade social ou uma prática sexual através de sua legitimidade.

Para Foucault (apud Pierre, 2003), é preciso problematizar o poder. O conceito de poder não institui uma soberania política ou um modo padronizado de condicionamento ou talvez uma predominância social, mas a multiplicidade das relações de forças imanentes ao lugar em que se exercem e são constitutivas em sua organização. O poder não existe pertinente a uma repressão na tentativa de tornar o sujeito submisso a ele, é preciso entendê-lo como uma construção de relações, forças e ao contexto em que será exercido e organizado, o poder atua mais produzindo ao que pensam estar reprimindo.

Não é a repressão o nome que deve se usar para compreender o poder, ele não está numa posição de soberania para determinar a conduta dos sujeitos, mas em um contexto de relações que vão dar-se entre eles.

O poder não é algo que seja adquirido ou tomado, nem tem papel de proibir, o poder é e sempre age sendo exercido, onde quer que entre em ação. As relações de poder nunca



estão em posição de exterioridade, isto é, as relações de poder são inerentes às relações sociais. (FOUCAULT, 2011). É preciso compreender a lógica do poder e toda sua dinâmica, o poder não proíbe, produz. Toda relação social se dará pela atuação de quem o exerça.

Neste sentido, Foucault (2011) acrescenta em sua fala que as relações de poder atravessa um corpo de uma sociedade e ao mesmo tempo são intencionais, onde possui uma série de interesses políticos, econômicos. O poder só existe pela atuação de quem o exerça e o resista, eles estão sempre imanentes um ao outro, numa relação fluida de trocas e mobilidade, eles transitam em todo corpo social.

As visões e experiências a respeito da sexualidade são sucessivamente de fato efeitos de combinações culturais e mecanismos de poder, não podem existir independentes destes. O desafio de libertar a sexualidade era uma ideia fundamentalmente equivocada, pois não havia sexualidade a se libertar. (FOUCAULT, 2011).

Toda construção e concepção referente à sexualidade não podem ser compreendidas separadamente de um efeito cultural e relações de poder, pois estas são o ciclo das relações sociais, por isso não há o que se libertar.

1.2. Dispositivo da Sexualidade

Nas relações de poder a sexualidade não seria o componente mais rígido e sim o mais dotado de instrumentalidade servindo de apoio para alternadas estratégias. Foucault (2007) apontou quatro saberes que pudessem descrever: essas estratégias: histerização do corpo da Mulher; pedagogização do sexo da criança; socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso.

Essas grandes estratégias fazem deixar nas entrelinhas a ideia de manter a reprodução, logo, a heterossexualidade, concebida como “normal”, que indicaria a valorização e preservação da espécie, e abominação de qualquer outra manifestação do sexo fora do “normal”.

A sexualidade poderia ser nomeada como um dispositivo histórico, ou seja, uma grande rede em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a suscitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se entre si, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 2007). Haveria no dispositivo da sexualidade grandes interesses que sustentavam todas essas estratégias.

Foucault (2007) afirmou que as relações do sexo abriram espaço na sociedade para um dispositivo de aliança, marcado pela



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

valorização do matrimônio, das relações parentais. O dispositivo da aliança tinha um papel de manter o corpo social definindo o que era permitido ou proibido.

Em outras palavras, o dispositivo da aliança, estaria interessado a uma intensificação dos corpos, no qual o elemento chave era a reprodução, com o interesse de manter as relações sociais e o perpetuamento da espécie.

Neste mesmo sentido, Foucault afirma que este dispositivo começou a perder espaço, logo a sociedade deu lugar a um novo dispositivo: o da sexualidade, na qual se sobrepõe as alianças. O dispositivo da sexualidade, diferente das relações de aliança que presava a reprodução, funcionava se multiplicando, penetrando nos corpos, controlando de modo mais universal o comportamento da população. (FOUCAULT, 2007).

O dispositivo da sexualidade funcionava com essa estratégia de controle cada vez mais propagada do comportamento e manifestação do sexo da sociedade, o dispositivo da sexualidade não privilegiava a reprodução, mas o corpo como objeto das relações de poder.

Ao longo dos grandes discursos que se formou pelo dispositivo da sexualidade, Foucault percebeu a formação de uma nova ideia de sexo independente, que ultrapassava

a questão fisiológica do corpo, das sensações, dos prazeres. (FOUCAULT, 2007). Este novo conceito de sexo que estava se formando quebrava com as concepções que o sexo estaria apenas atrelado a uma ordem orgânica.

No dispositivo da sexualidade suscitou em seu funcionamento essencial com a invenção deste sexo, o interesse pelo desejo de possuir, descobrir, libertar, pronunciando em seus discursos, transformando-o em verdade, o sexo assim era desejável. (FOUCAULT, 2007).

É justamente neste ponto que o autor acredita ser importante instaurar uma inversão tática a fim de desativar os mecanismos da sexualidade e do sexo como libertador. Tal processo de desativação efetiva-se através da relação que sujeito estabelece consigo mesmo, mas não no sentido da descoberta da verdade do seu sexo e, por conseguinte, da verdade sobre si mesmo, mas no sentido de processos de dessubjetivação ou desindividualização.

Portanto, para Foucault, o ponto de resistência contra o dispositivo da sexualidade não seria o sexo-desejo, mas os usos dos corpos e os prazeres. (FOUCAULT, 2007). Neste sentido, precisamos investigar o que o autor quer dizer quando se refere em desativar o dispositivo da sexualidade, assim como quando se refere ao uso dos corpos e prazeres como ponto de desindividualização contra o naturalizado acerca da sexualidade.



2. Um Contraponto ao Dispositivo da Sexualidade

A partir disso como seria possível surgir um sujeito que consiga resistir a esse processo do dispositivo da sexualidade? Onde esse sujeito não seja subserviente ou assujeitado a uma identidade, mas um sujeito que a partir de um modo de ser ou existir faça com que esse dispositivo entre em curto-circuito, falhe, deixe de funcionar ou se modifique, como o próprio autor se referia. Entretanto, o autor é enfático, ele não é destruído. As relações de poder permeiam em todo corpo social, não se trata de uma relação de dominação, mas sempre estaremos numa batalha com ela, resistimos a este processo toda vez que simplesmente não estamos de acordo com alguma situação, assim nos utilizando das relações de poder. A resistência quando em ação requer que a situação de não aceitação se modifique, essa troca acontece de forma fluida, isto é, as relações de poder e a resistência estão imanentes um ao outro, numa relação fluida, de trocas e mobilidade.

Veja que se não há resistência, não há relações de poder. Porque tudo seria simplesmente uma questão de obediência. A partir do momento que o indivíduo está em uma situação de não fazer o que quer, ele deve utilizar as relações de

poder. A resistência vem em primeiro lugar, e ela permanece superior a todas as forças do processo, seu efeito obriga a mudarem as relações de poder. Eu penso que o termo “resistência” é a palavra mais importante, a *palavra-chave* dessa dinâmica. (FOUCAULT, 2004, p.286).

Quando analisamos a forma de como as pessoas tem vivenciado sua sexualidade, verificamos que ela tornou-se uma das fontes mais produtivas de nossa sociedade e de nosso ser. (FOUCAULT, 2004). É exatamente neste ponto, que o autor se refere ao nosso comportamento, nosso modo de ser na sociedade e no mundo, a maneira de viver nossa sexualidade, como produto de uma influência “camuflada”.

A ideia que a sociedade espera que cada sujeito possua ou exerça um verdadeiro sexo numa obstinação que apenas valha a realidade dos corpos e o direcionamento dos prazeres, a partir disso, manifeste uma identidade sexual, de fato, esta ideia está longe de se findar. A grande questão é que se mantém um conceito que entre sexo e verdade existem relações complexas e confusas. (FOUCAULT, 2006).



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dessa maneira apenas a condição fisiológica do sujeito vai ser relevada, e o desejo, descartado, logo, a sociedade acredita que é preciso ter uma coerência do comportamento entre as esferas da vida do sujeito: social, biológico, psicológico. As práticas que não correspondem à harmonia dessas esferas são consideradas uma ofensa à verdade.

De fato, vivemos num mundo legal, social, institucional na qual as únicas relações possíveis são extremamente planejadas e empobrecidas, por exemplo, as relações matrimoniais e/ou parentais. Não dão espaço para outras possibilidades de relações, porque um mundo relacional rico seria extremamente difícil de administrar. (FOUCAULT, 2006).

Neste sentido, o autor referido destaca que as relações, estas estabelecidas como padrão, são relações pobres, esquematizadas que são sustentadas por uma série de interesses, onde reforçam a reprodução e a heteronormatividade. Deste modo quaisquer outras relações produzidas fora deste padrão, seriam afastadas, pois estas implicariam um trabalho custoso.

Do ponto de vista de Freitas (2009), o modo de enfrentamento dessas questões se encontra nas práticas de si, onde compreende uma mudança do modo de vivenciar e experimentar no mundo práticas de busca de nós mesmos, assim o sujeito deixa de ser

pensado apenas como o fruto dos sistemas de saber-poder em que o indivíduo exerça uma identidade imposta.

Compreendem-se as práticas de si como um caminho para fugir e confrontar esse sistema poder-saber que limita a vida do sujeito, portanto o cuidado de si objetiva transformações, uma quebra com o vínculo na vida daqueles que exercem uma identidade estabelecida e sugerida por esse sistema. As práticas de si valorizaram aos modos de vida que alimentam a liberdade do sujeito.

As relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, onde selecionamos ou desvendamos o que está de acordo e o que não está com ela, devemos sim, estabelecer relações de diferenciação, invenção, inovação. (FOUCAULT, 2004).

A identidade, dessa forma, mesmo que faça parte de nossa existência, não deve responder nossa subjetividade quanto sujeito ou devemos consulta-la quando nosso comportamento está ou não coerente a ela, esta necessidade de se afirmar como identidade se aproxima ao dispositivo da sexualidade. Não podemos nos constituir por estas relações, mas devemos escapar destas, buscar em si mesmo relações que permitam novas possibilidades de criação, de diferenciação, de inovação, isto é, o processo de dessubjetivação quanto à nossa identidade.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Contudo Foucault (2010) destaca que “o problema não é descobrir em si a verdade de seu sexo, mas antes, empregar a sexualidade para se chegar à multiplicidade de relações intensas.” (FOUCAULT, 2010, p.348).

Após a leitura do texto *Da amizade como modo de vida* é possível pensar que não é o sexo que vai dizer quem seja o sujeito ou através dele podemos descobrir verdades sobre nós mesmo quanto nossa identidade, mas deve-se usar a própria sexualidade para alcançar relações de intensidade e transformação, relações que podem romper/causar curto-circuito com esses sistemas institucionalizados, que impendem que exerçamos nossa liberdade.

Muitas vezes, a sociedade compreende o comportamento sexual a superposição, de um lado os desejos da carne, e, por outro, leis que permitem ou restringem o que se deve e não deve fazer, mas que isso, o comportamento sexual é a consciência de que se faz, da maneira como se vive tal experiência, do valor que se lhe atribui. (FOUCAULT, 2014).

Frequentemente a sociedade considera o comportamento sexual de acordo com seus próprios conceitos, limitados ao que alcança as suas perspectivas e crenças, mas é preciso relevar também além do que podemos

enxergar: a consciência, nossas experiências vividas do valor que agregamos a ela.

Não podemos valorizar um discurso pela segurança que seu efeito traz, o problema é que não questionamos o reflexo desse discurso na sociedade e nos achamos obrigados a falar nele. Não é porque se profere algo em uma sociedade que deva ser admitido (FOUCAULT, 2014).

A sociedade repete e acredita em discursos que funcionam como verdade, assim multiplicam esses discursos sem pestanejar. Essa intenção de coagir os sujeitos a reproduzirem esses discursos é onde se instala o dispositivo, uma verdadeira forma de produzir o comportamento social.

Acredita Foucault (2004) que um dos fatores de estabilização será a invenção de novos estilos de vida, de relações, de amizades nas sociedades, uma cultura de novas formas que se organizem através de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa.

É preciso buscar, encontrar, criar novas possibilidades e formas de viver, buscar novos modos e estilos de vida, que fujam dos padrões normativos sociais. Através de nossas escolhas, criar uma nova cultura, um novo meio de viver nossos prazeres. É muito importante usar nossos corpos como possibilidade de uma fonte de multiplicidade



de prazeres. Quando analisamos, por exemplo, a organização clássica do prazer, conclui-se que os prazeres da carne são sempre a bebida, a comida e o sexo, e aí que se limita a compreensão dos corpos. (FOUCAULT, 2004)

É comum em nossa cultura considerarmos que os prazeres físicos estão atrelados a uma necessidade básica, certamente, este é um conceito pobre que nos limita apenas a um prazer de ordem biológica, e nem só dele nos constituímos, o ideal é que se use, experimente através de nossos corpos, diversas outras maneiras para que se obtenha o prazer e fazer disso um estilo de viver.

De fato, todo mecanismo de resistência provavelmente será envolvido pelo poder, por isso, em verdade, a resistência precisa funcionar antes de tudo como um processo de dessubjetivação, ou seja, produzir ranhuras na busca ou na imposição das identidades.

Então Foucault (2010) indica “o que se deve trabalhar não é tanto para e liberar nossos desejos, mas para tornarmo-nos infinitamente mais propensos ao prazer. É preciso escapar das fórmulas feitas”. (p.350). É nesse ponto que o autor encontra um contraponto ao dispositivo e uma forma de resisti-lo, de desativar o dispositivo da sexualidade, não partindo de uma identidade

ou das capacidades biológicas, mas ao uso dos corpos e prazeres.

Possivelmente estamos longe de uma cultura de restrições, mesmo sendo esta tão desejada, um ponto que deve ser destacado é se esses sistemas de obrigações que acometem uma sociedade permite que os sujeitos sejam livres para modificá-lo. (FOUCAULT, 2014).

A liberdade vem sendo desejada cada vez mais por uma sociedade caracterizada pela restrição, proibição e opressão, fadada aos sistemas de obrigações. Mas é preciso considerar que esta sociedade deva, ou pelo menos deveria permitir que os sujeitos fossem livres para transformar esses sistemas e viver de forma mais independente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a sexualidade é um tema complexo, extenso e problematizado de formas avessas, devido a uma variedade de saberes que se manifestam de acordo com suas especificidades, esclarecendo dúvidas, curiosidades que geram ao seu respeito. Certamente, todos esses discursos se constroem e organizam, produzindo verdades sobre a sexualidade, o sexo etc.

O dispositivo da sexualidade, por sua vez se implanta nesses discursos e funciona de modo cada vez mais universal, utilizando-se das relações de poder para controlar e



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

determinar o comportamento sexual dos sujeitos, sugerindo formas de como esses sujeitos devem se portar em suas relações sociais, sua identidade e subjetividade.

Quando o assunto é sexualidade, refletimos que ao longo das décadas ela veio se mostrando mais expressiva e presente na sociedade, sobretudo, nas relações afetivas que fugiam das relações heteronormativas. O termo diversidade sexual se instalou para esse novo sistema de relações, porém, houve exclusões em determinados grupos sociais.

Desse modo, esse trabalho não pretendeu esgotar o tema proposto, mas provocar e aguçar o interesse de maiores alargamentos e contribuições, sobretudo para os profissionais de Psicologia, aonde os mesmos venham ter este conhecimento, desmistificando conceitos, quebrando tabus que se geram ao seu respeito, com o principal interesse em acolher, compreender e até mesmo incluir essa população que muitas vezes é afastada, excluída e mal representada pela sociedade em geral.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume V: Ética, Sexualidade e Política**/Michel Foucault - 2.ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume VI: Repensar a Política** /Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, volume IX: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade**/Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, M. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita** / Michel Foucault; tradução de Irley Franco. – Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 18. Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder / Michel Foucault**; - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. Uma Entrevista: Sexo, Poder e a Política de Identidade. **Verve**. São Paulo, n. 5, p. 260-277, 2004.

FREITAS, A. S. O cuidado de si como articulador pedagógico da cultura de paz. In: Pelizzoli, M. (Org.) **Cultura de Paz: Alteridade em Jogo**. Recife: Universitária da UFPE, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LOURO, G. L. et al. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. (Org.) **O corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PIERRE, B. **Foucault / Pierre Billouet** ; – São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

RIOS, L.F. et al. **Psicologia e Diversidade Sexual: Desafios para uma Sociedade de Direitos** / Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: CFP, 2011.